

TRÊS BRECHTS

WALTER CARLOS COSTA

Universidade Federal de Santa Catarina

Entre os grandes poetas, que souberam aliar em seus poemas um compromisso social explícito e a *crafted language* em seus versos, estão Vladimir Maiakóvski e Bertolt Brecht. A história da tradução destes poetas no Brasil ilustra, de maneira até didática, as duas concepções fundamentais de traduzir: a que privilegia o “conteúdo” e a que privilegia os procedimentos poéticos.

Maiakóvski e Brecht

No caso de Maiakóvski, a diferença entre os dois enfoques básicos de seus tradutores é muito clara, já que o autor de “A Flauta-Vértebra” apresenta inovações importantes em setores tradicionais da poesia: jogos de som e sentido, métrica, imagens. As primeiras traduções brasileiras de Maiakóvski, ressaltaram o conteúdo, enquanto as traduções de Boris Schnaiderman junto com os poetas Augusto e Haroldo de Campos deram destaque aos procedimentos poéticos. Boris Schnaiderman explica o método tradutório utilizado: “tivemos a preocupação de reproduzir em português os mesmos procedimentos que Maiakóvski utilizou em russo. (...) A tradução como recriação, no caso, constitui o caminho da verdadeira fidelidade ao texto. O arrojo poético de Maiakóvski, ao lidar com recursos da língua russa, deve ser acompanhado em outra língua, também com arrojo e violência. A tradução de modo algum pode prescindir da invenção”¹.

Com Brecht as coisas são um pouco mais complicadas. Em primeiro lugar, a parte de sua obra que mais impacto teve na cultura brasileira foi o

teatro. Isto não constitui mero acaso porque Brecht ocupa um lugar de destaque na dramaturgia do século XX. Sua poesia, seus ensaios, sua obra narrativa e seus diários, todos muito originais, foram relegados a um plano secundário. Ao lado de seu teatro — que praticamente monopolizou a atenção do público brasileiro — a poesia compareceu como um segundo campo de interesse.

Os primeiros tradutores do Brecht-poeta se concentraram em sua “mensagem”. Foi Haroldo de Campos — incansável buscador de formas poéticas fortes, onde quer que elas se encontrem — o primeiro a traduzir Brecht não apenas como um poeta engajado, mas como um poeta inovador.

Como de hábito, Haroldo traduziu apenas alguns momentos, os mais inventivos da poesia de Brecht, ratificando a opinião de Anatol Rosenfeld (para quem Brecht unia, no mais alto grau, os compromissos ético e estético). Estas traduções, reproduzidas, neste número de *Fragmentos*, surpreendem ao revelar um Brecht conciso, de retórica descarnada.

De fato, Brecht é um poeta bastante singular e ocupa, certamente, um lugar especial na poesia moderna do Ocidente. De certo modo, ele se volta contra a nova tradição inaugurada pela poesia francesa da segunda metade do século XIX, em que predominam o som (com os significados cada vez mais múltiplos e de árdua decifração) e a configuração espacial. Brecht parece ter se especializado naquilo que Roman Jakobson caracterizou como “poesia da gramática”. Grande parte da alta qualidade da poesia de Brecht provém dos jogos com os elementos gramaticais. Sua contemporaneidade parece ter sido ganha através de um sábio anacronismo: uma alquimia verbal autônoma a partir de fontes orientais antigas — a Bíblia, a literatura chinesa clássica. A grande vantagem dos meios poéticos escolhidos por Brecht está em que eles constituem uma elaboração complexa de elementos simples, o que lhe permite a veiculação de mensagens claras evitando a obviedade.

Jakobson mostrou uma paixão constante pela pesquisa destes procedimentos poéticos pouco estudados — tanto que o terceiro volume de seus *Selected Writings* é dedicado inteiramente à “Poesia da Gramática e Gramática da Poesia”. A “figura de gramática” que, segundo Jakobson “ao lado da ‘figura de som’, era considerada por Gerard Manley Hopkins como o princípio constitutivo do verso”² constitui, justamente, um conceito-chave para a análise microscópica a que o lingüista russo submeteu o poema “*Wir Sind Sie*” de Brecht³.

Três textos

Examinando diferentes traduções de Brecht para o português, um poema me chamou particularmente a atenção. Em primeiro lugar, porque se trata de poema que me parece um dos mais sofisticados exemplos de poesia didática, na melhor acepção desta palavra. Em segundo lugar, porque existem três traduções, realizadas por Edmundo Moniz⁴, Paulo César Souza⁵ e Haroldo de Campos⁶, que apresentam soluções diferenciadas. Trata-se do poema “*Fragen eihes lesenden Arbeiters*”, reproduzido no final do artigo.

O poema toma sentido completo nos dois últimos versos, em que o poeta dá a “solução” final para o questionário. O método é indutivo e a retórica é transparente, mas a conclusão final apenas sugerida. Brecht não repete o postulado de que “as massas fazem a história”. A sugestão vem através da língua coloquial: “So viele Berichte/So viele Fragen”. Moniz traduz simplesmente: “Tantas histórias/Tantas perguntas” e Paulo Cesar eleva o tom, traduzindo “Tantas histórias. Tantas questões”. Haroldo de Campos acerta em cheio ao arriscar com “Histórias de mais/Perguntas de menos”. Como o objetivo de Brecht é precisamente o de provocar as perguntas do operário, este efeito dificilmente pode ser recriado em português com a mera transposição dos termos alemães.

O vocabulário da alta poesia de Brecht é simples. Boa parte da tradição poética mundial (e ainda mais a brasileira, com as exceções de Manuel Bandeira, em grande parte, e João Cabral de Melo Neto) foi construída com palavras de registro elevado, justamente as palavras “poéticas”, que soam melhor. Em Moniz, encontramos muitas expressões e palavras cultas como “moribundos” e “gálicos” (em vez do usual “gauleses”). Em Paulo Cesar, ao contrário, há uma competente alternância entre coloquial e culto. Quanto a Haroldo de Campos, se nota uma preferência por algumas formações (o que tem sido caracterizado como seu “barroquismo”): “auri-radiosa”, “obreiro”, “multicelebrada”, “Atlantis” (em lugar do corrente “Atlântida”), “sorvem”. O tom de Brecht de Haroldo fica um pouco mais “literário” que o texto alemão, mas o efeito poético é preservado.

Todo o poema é construído com uma série contínua de enjambements. Estes enjambements ligam o essencial entre os diferentes acontecimentos sinteticamente narrados: a construção da Muralha da China, dos arcos do triunfo romanos e dos palácios é descrita como tendo sido realizada pelos mesmos sacrificados anônimos de sempre. A versão de Moniz normaliza os versos, com uma clara intenção de ser mais didática, separando bem cartesianamente uma frase de outra. Já Paulo Cesar Souza e Haroldo de Campos respeitam a linha quebrada constante do original.

Das três traduções, a de Haroldo Campos parece a mais eficiente em termos poéticos. O único reparo seria que o registro lingüístico é, em certos versos, um pouco mais elevado em português do que no original.

1. Fragen eines lesenden Arbeiters

Wer baute das siebentorige Theben?
In den Büchern stehen die Namen von Königen.
Haben die Könige die Felsbrocken herbeigeschleppt?
Und das mehrmals zerstörte Babylon —
Wer baute es so viele Male auf? In welchen Häusern
Des goldstrahlenden Lima wohnten die Bauleute?
Wohin gingen an dem Abend, wo die Chinesische Mauer fertig war
Die Maurer? Das große Rom
Ist voll von Triumphbögen. Wer errichtete sie? Über wen
Triumphierten die Cäsaren? Hatte das vielbesungene Byzanz
Nur Paläste für seine Bewohner? Selbst in dem sagenhaften Atlantis
Brüllten in der Nacht, wo das Meer es verschlang
Die Ersaufenden nach ihren Sklaven.
Der junge Alexander eroberte Indien.
Er allein?
Cäsar schlug die Gallier.
Hatte er nicht wenigstens einen Koch bei sich?
Philipp von Spanien weinte, als seine Flotte
Untergegangen war. Weinte sonst niemand?
Friedrich der Zweite siegte im Siebenjährigen Krieg. Wer Siegte außer ihm?
Jede Seite ein Sieg.
Wer kochte den Siegesschmaus?
Allen zehn Jahre ein großer Mann.
Wer bezahlte die Spesen?
So viele Berichte.
So viele Fragen.

2. Perguntas de um operário que lê — Tradução de Haroldo de Campos:

Quem construiu Tebas, a de sete portas?
Nos livros, ficam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra
Babilônia, muitas vezes destruída,
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casa
De Lima auri-radiosa moravam os obreiros?
Para onde foram, na noite em que ficou pronta a Muralha da China,
Os pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os erigiu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? Bizâncio multicelebrada
Tinha apenas palácios para seus habitantes? Mesmo na legendária Atlantis,
Na noite em que o mar a sorveu,
Os que se afogavam gritavam por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe da Espanha chorou, quando sua armada
Foi a pique. Ninguém mais teria chorado?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem
Venceu junto?
Por todo canto uma vitória.
Quem cozinhou o banquete da vitória?
Cada dez anos um grande homem.
Quem pagou as despesas?
Histórias de mais.
Perguntas de menos.

3. Perguntas de um trabalhador que lê — Tradução de Paulo

Cesar Souza:

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída -
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas
Da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que
A Muralha da China ficou pronta?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogavam gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada
Naufragou. Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas Histórias.
Tantas questões.

4. Perguntas de um operário que lê — Tradução de Edmundo

Moniz:

Quem construiu as portas de Tebas?
Nos livros constam nomes de reis.
Foram eles que carregaram as rochas?
E Babilônia destruída mais de uma vez?
Quem a construiu de novo?
Quais as casas de Lima dourada
Que abrigava os pedreiros?
Na noite em que se terminou a muralha da China
para onde foram os operários da construção?
A eterna Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os construiu?
Sobre quem triunfavam os Césares?
Bizâncio, tão cantada, só consistia de palácios?
Mesmo na legendária Atlântida
os moribundos chamavam pelos seus escravos
na noite em que o mar os engolia.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Conquistou sozinho?
César bateu os gálicos.
Não tinha ao menos um cozinheiro consigo?
Felipe da Espanha chorou a perda da sua Esquadra.
Só ele chorou?
Frederico II ganhou a guerra dos Sete Anos.
Quem mais ganhou a guerra?
Cada página uma vitória.
Quem prepara os banquetes?
De dez em dez anos um grande homem.
Quem paga as suas despesas?
Tantas histórias.
Tantas perguntas.

NOTAS

- 1 Boris Schnaiderman. “Maiakóvski: evolução e unidade” in *Maiakóvski — poemas*, tradução de Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos, Perspectiva, São Paulo, 1982, p. 13.
- 2 “Poesia da gramática e gramática da poesia” in *Lingüística poética*. Cinema, Perspectiva, São Paulo, 1970, p. 68.
- 3 Id. pp. 127-152. É interessante comparar as traduções de Georg Bernard Sperber (literal) e de Haroldo de Campos (re-criativa) do poema, incluídas, no artigo.
- 4 Bertolt Brecht. *Antologia poética*. Elo, São Paulo, 1982, 2ª ed., p. 31.
- 5 *Brecht, Poemas (1913-1956)*, Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 167.
- 6 “Breve antologia de Brecht”, *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, abril/junho de 1966, n°. 9-10.